

O reconhecimento da interculturalidade na abordagem estético-pedagógica da cerâmica

Viviane Diehl¹

RESUMO

Este relato apresenta a cerâmica e sua potencialidade educativa no desenvolvimento de ações compartilhadas, a partir das demandas recebidas das escolas na região do Rio Caí, RS. Surge do interesse em proporcionar aos educandos uma aproximação com a arte cerâmica nas abordagens educacionais, referentes à inclusão das relações étnico-raciais africana e indígena, no currículo escolar. Desse modo o projeto tem por objetivo desenvolver ações extensionistas que promovam a visibilidade da cerâmica contextualizando abordagens curriculares da educação para as relações étnico-raciais, com os alunos da educação básica, por meio de intervenções que proporcionem experiências no campo da cerâmica, ampliando o conhecimento sobre a interculturalidade. A metodologia da proposição estético-pedagógica se desenvolve nas oficinas, palestras e exposições. As ações oportunizaram uma experiência educativa, perceptiva, singular e sensível no campo da cerâmica, contribuindo para o reconhecimento da responsabilidade social e da interculturalidade que constitui o povo brasileiro.

Palavras-chave: Cerâmica, Interculturalidade, Educação básica.

As aproximações da cultura cerâmica com a comunidade escolar inserem-se como possibilidade para podermos estabelecer outras relações sociais e educativas que reinventem uma perspectiva criadora na participação de cada um. Para tanto, a proposta do projeto Ceramicando na escola, em 2016, surgiu pela demanda de professores das escolas de educação básica, que demonstraram interesse na cerâmica para contextualizar abordagens do currículo escolar, de modo a oportunizar experiências teórico-práticas diferenciadas. Deste modo, surgiu o interesse pela “Educação para as Relações Étnico-raciais”, orientada para a divulgação e produção de conhecimentos, com embasamento na Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008). A cultura afro-brasileira

¹ Doutora em Educação. Educadorartista na área de Artes/Cerâmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Feliz. viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

e indígena tem expressiva produção cerâmica, constituindo um campo aberto para as abordagens educacionais nesta área, de modo a contribuir para a preservação da memória e do patrimônio cultural, para o desenvolvimento das manifestações artísticas e culturais, contemplando diretrizes extensionistas no âmbito da responsabilidade social.

Sendo assim, a cultura cerâmica tem relevante potencial a ser explorado para contribuir na arte e na educação em cooperação, proporcionando experiências teórico-práticas sensíveis, criadoras e relacionais que serão relatadas.

Contextualizando a interculturalidade na cerâmica

Tendo em vista que as produções cerâmicas africanas e indígenas são elementos presentes, de referências identitárias, estas, constituem aspectos de representação social que contribuem para a formação cultural do povo brasileiro.

Nas culturas indígenas, a cerâmica caracteriza-se por uma produção artesanal, típica de algumas tribos do território nacional, como encontramos no povo guarani que habita o sul do Brasil. Geralmente, apresentam representações de animais, grafismos geométricos, formas de urnas funerárias, figuras escultóricas e objetos utilitários de uso cotidiano, como potes e cumbucas que auxiliam no armazenamento de alimentos e outros produtos. Atualmente, não se tem muitos registros da atividade cerâmica dos guaranis.

Na cultura africana as máscaras ritualísticas com características étnicas bem marcantes bem como as esculturas, representam animais e figuras humanas, ricas em detalhes e texturas.

Em cada cultura, a produção cerâmica têm processos de modelagem específicos, tratamento de superfície, materiais, processos de queima, acabamentos com revestimentos e tudo o mais que envolve este processo com características próprias de cada grupo étnico (FRIGOLA, 2006).

O Brasil é marcado pela miscigenação, mestiçagem, diversidade de culturas. Richter (2003, p.19) escreveu que:

“Interculturalidade” implica uma inter-relação de reciprocidade entre culturas. [...] Esse termo seria, portanto, o mais adequado a um ensino-aprendizagem em artes que se proponha a estabelecer a inter-relação entre os códigos culturais de diferentes grupos culturais. No entanto, convivemos hoje com todas essas denominações, aparecendo como sinônimos.

Na escola, o ensino da arte contribui para a o reconhecimento das culturas, para a divulgação e produção de conhecimentos interculturais que cooperam, no sentido de “operar juntos”².

Quando compartilhamos a cultura cerâmica produzida pelas diferentes etnias, proporcionamos singularidades do sentir, pensar e fazer, num movimento de interações perceptivas, experimentais, criativas, críticas e participativas. Este movimento implica em desaprender as obviedades que vêm sendo institucionalizadas na formação educativa e provocar reflexões acerca das responsabilidades sociais, como foi abordado no projeto “Ceramicando na escola”, por meio de uma série de ações, juntamente com os estudantes bolsistas.

² Teoria da Cooperação a partir de Humberto Maturana (1985-1993 apud Franco, 2002).



↑ **Figura 1.** Alunos na oficina de modelagem inspirada na cultura africana, Escola Estadual de Ensino Fundamental Ivony Kayser, Feliz/RS.
 Fonte: arquivo da equipe do projeto.

De modo geral, a proposta envolveu ações que compreenderam oficinas de modelagem, queimas em forno alternativo e oficina para produção de adornos corporais, palestras, visitas técnicas e exposições, implicadas em atender às orientações da política educacional brasileira para a Educação das Relações Étnico-Raciais com atenção para as orientações das ações na abordagem da temática.

O material produzido na pesquisa teórica, pelos bolsistas, foi utilizado para constituir um material pedagógico de referência que contextualizou as palestras, oficinas e exposições.

A proposição estético-pedagógica³ que foi abordada no projeto é constituída como um lugar de liberdade para experimentações que podem provocar a criação inventiva, as práticas e a produção de fazeres e saberes com os participantes, como um convite a atribuírem e ampliarem significados e sentidos do vivido, no entre-lugar habitado pela cultura, neste caso, a cerâmica (DIEHL, 2015).

→ **Figura 2.** Estudante com máscara em cerâmica inspiradas na cultura africana com as marcas deixadas pela queima.
 Fonte: arquivo da equipe do projeto.



³ A proposta foi apresentada na tese “Educadorartista: encontros da educação, artes visuais e intercultura”, por Viviane Diehl, defendida em novembro de 2015, na Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.



📌 **Figura 3.** Alunos do 3º ano na oficina de queima da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Teresinha do Forromeco, em Bom Princípio/RS. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.

No âmbito das oficinas (compreendida como um espaço de atelier), as proposições aconteceram como um lugar de encontro, onde os saberes se integraram e somaram-se as vivências pessoais e referências culturais dos participantes. A oficina estabeleceu um conjunto de práticas coletivas de organização, eventos que propuseram a vivência pluridimensional dos educandos, ao pensar, sentir e agir, nas relações produzidas pela arte, sem distinção entre a manualidade e o pensamento.

Na maioria das instituições, não há um lugar próprio, que não seja na sala de aula, e limitados recursos materiais para serem realizadas as propostas educativas em arte. Nesse contexto, juntamente com os educadores, buscamos alternativas para adequar os espaços disponíveis às necessidades



📌 **Figura 4.** Oficina de modelagem com os alunos do 9º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Alberto Schwade, Feliz/RS. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.

dos encontros, mostrando que é possível, sim, explorar os processos cerâmicos na escola, de modo prático e desmistificado, com os recursos disponíveis.

Para tanto, as oficinas foram realizadas em dois módulos. O primeiro módulo das oficinas foi contextualizado com um material visual, seguido da criação e produção cerâmica dos participantes, com a orientação dos passos para a modelagem de uma peça com processos básicos e representação de referenciais culturais. Os participantes receberam detalhadas orientações sobre as características técnicas e cuidados necessários ao processo de modelagem e secagem das peças.

O segundo módulo das oficinas aconteceu quando as peças estavam secas para a realização da queima em processos alternativos, com o forno de tijolos (VIDAL; JAMES, 1997), tendo como material combustível o resíduo de madeira, comum na região. Os alunos acompanharam o conjunto de procedimentos com entusiasmo e, ao final, avaliaram o processo.

Por fim, foram organizadas exposições das peças produzidas nas oficinas colocando em visibilidade a cerâmica, seus processos do fazer e suas contribuições interculturais.

A atuação intensa dos bolsistas foi integrada e imersa no projeto como um todo, demonstraram relevante participação nos momentos compartilhados que contribuem para a formação de cada um, como relata a estudante Maria Júlia:

Ser bolsista foi algo incrível, pois me proporcionou um contato interpessoal com crianças e adolescentes, com os quais aprendi muito. As crianças com necessidades específicas encontraram no projeto um meio de se expressar e fizeram das suas dificuldades nossos aprendizados. Levar para além do IFRS, aspectos de dois povos que muito participaram da nossa história e não deixaram de se expressar por meio da sua arte, de sua cultura, foi emocionante. Cada oficina trazia um desafio diferente na infraestrutura, nos recursos e na disponibilidade, que não foram impedimento para as ações do projeto. Aprendemos a nos “moldar” com as situações da vida e amei ter esta oportunidade de participar. Aprendi muito me tornando mais comunicativa, a ter muita paciência para compreender cada

📌 **Figura 5.** Visitação na exposição de cerâmica inspirada na cultura guarani, produzida pelos alunos do ensino médio, realizada durante a 5ª Mostra Técnica do IFRS – Campus Feliz. **Fonte:** arquivo da equipe do projeto.



pessoa com seu tempo e suas dificuldades. Acredito que fizemos diferença na vida de cada criança. Ver seus olhos brilhantes e o sorriso no rosto cada vez que chegávamos numa escola, onde sempre perguntavam: “Quando vocês vão voltar?”, são lembranças que vou levar para minha vida.

Possibilidades e desdobramentos

O projeto atendeu o objetivo proposto ao abordar as relações étnico-raciais por meio da cerâmica, na educação básica e, também, para além da escola.

As intervenções proporcionaram a expansão do conhecimento teórico-prático sobre a cerâmica, permeado pela abordagem intercultural. Estas ações extensionistas pautadas por intervenções com proposição estético-pedagógica, constituíram um espaço para experimentações, para provocar a criação inventiva, produzindo possibilidades de reflexão sobre a constituição intercultural do povo brasileiro.

Ao todo foram 29 ações do projeto, resultando em 66 horas, num total de 747 participantes, viabilizadas com os recursos do programa de bolsas e de auxílio institucional. O projeto se expandiu para além da região, e foi também realizado no *campus* de Ibirubá/RS e no Programa Mulheres SIM, do IFSC Criciúma, SC.

Além disso, repercutiu na apresentação durante o Festival Internacional de Cultura Cerâmica/ 5º Seminário Internacional A Cerâmica na Arte Educação – Brasil/Colômbia, em Bogotá; no 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS, em Bento Gonçalves, com destaque na área Cultura para a bolsista Jaqueline Rucks; na 5ª Mostra Técnica do IFRS - *Campus* Feliz, com destaque para o bolsista Arthur Kunrath e no Evento NUPEART PRO...MOVE 2016 - Festival de Queimas Alternativas, realizado em Florianópolis, SC. Estas oportunidades para o desenvolvimento, difusão e valorização da cerâmica contribuem para o reconhecimento de suas potencialidades na arte e na educação, com o legado intercultural que nos constitui.

A constituição do povo brasileiro é plural e precisa ser abordada para o acesso e conhecimento dos aspectos interculturais, no sentido de valorização e reconhecimento dos limites e possibilidades que se colocam na convivência social responsável. ■

Referências

BRASIL, **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 03 de março de 2017.

DIEHL, V. **Educadorartista**: encontros da educação, artes visuais e intercultura. Santa Maria: UFSM, 2015. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

FRANCO, Augusto de. Uma teoria da cooperação baseada em Maturana. **Aminoácidos**. Brasília, v. 4, 2002. Disponível em: <http://api.ning.com/files/yIATnXz2VJFM3jz*c--pZIk0g-FH8Tq*qRqYpVZRsmsJ1gkFwMqLtkBDqRzuLr95LDs2uxVyzRFMMPTvohCVeDRAL44-C-P/UMATEORIADACOOPERAORBASEADAEMMATURANAFrancoAugusto2001.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2014.

FRIGOLA, D. R. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Estampa.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

VIDAL, J.; JAMES, P. **Ceramicando**. São Paulo: Callis, 1997.